**COLÔNIA NOVA ITÁLIA: Berço da Imigração Italiana no Brasil**

**Paulo Vendelino Kons**\*

 No ano da graça do Senhor de **1836** foi fundada, por 132 imigrantes católicos do Reino da Sardenha (precursor do Reino de Itália), a primeira colônia de italianos no Brasil, a **Colônia Nova Itália**, localizadano vale do Rio “Tijucas-grande”, atual município de **São João Batista**, em Santa Catarina. Os pioneiros imigrantes italianos, que viriam colonizar e desenvolver terras brasileiras, aportaram em março de 1836 na baía norte da Ilha de Santa Catarina, no porto do Desterro (hoje Florianópolis), transportados pelo navio Correio.

 A iniciativa de criação e instalação da Colônia Nova Itália foi do médico e violinista Henrique Ambauer Schutel, *"natural de Milão, agente consular do rei de Sardenha"* (Walter Fernando PIAZZA, *Colonização Italiana em Santa Catarina*, pág. 35) e detentor da cidadania suíça, e de Carlo Demaria, *"cidadão inglês"* (por ter nascido em Gibraltar, possessão inglesa) *"com raízes em Gênova"*, armador. Em 1835, ambos *"constituem a empresa Demaria & Schutel, Sociedade particular de colonização"* (SACHET, Celestino et SACHET, Sérgio. *Santa Catarina - 100 Anos de História*. Florianópolis, Século Catarinense, 1997, pág. 118).

 Ainda em 1835, Schutel e Demaria solicitaram terras devolutas ao governo provincial catarinense, recebendo, em 23 de junho de 1836, o *"título de uma concessão de terras para colônia"*, de duas léguas em quadro, *"nas margens do rio Tijucas-grande acima do estabelecimento de colonização que já ali tem para nele estabelecerem uma colônia"*. Distribuíram logo um folheto impresso na capital da Província, estendendo também aos nacionais as vantagens que ofereciam aos europeus ali por eles estabelecidos. *"Em março de 1836, a flamante empresa"*, por meio dos navios à vela de Carlo Demaria, desembarca no Desterro 186 colonos, a maioria originários do reino da Sardenha, *"destinando-os à colônia Nova Itália fundada sobre o Rio Tijucas-grande, nos arredores da atual cidade de São João Batista".* (Idem). Na época o local fazia parte do extenso território de São Miguel da Terra Firme, à margem do Rio Tijucas-grande, cerca de seis léguas acima do litoral.

 O primeiro Diretor da Colônia Nova Itália foi o suíço Luc Montandon Boiteux, que se estabeleceu na Colônia Nova Itália acompanhado da esposa, de um filho menor, e de quatro escravos.

 Em 25 de junho do mesmo ano de 1836 conseguiram os referidos empresários nova concessão de duas léguas quadradas. Tais concessões não foram devidamente medidas e demarcadas, provocando mais tarde querelas com o próprio governo provincial catarinense.

 *"A mais próxima propriedade agrícola daquela colônia era uma fazenda estabelecida em 1834, pelo capitão João de Amorim Pereira, na confluência dos rios do Braço e Tijucas-grande, onde se assenta hoje a cidade de São João Batista".* (Walter Fernando PIAZZA, *Colonização Italiana em Santa Catarina*, pág. 35).

*"A concessão dada à firma Demaria & Schutel era em ambas as margens do Rio Tijucas-grande, na área enquadrada dentro das concessões, sempre se prestaram à agricultura de subsistência e, notadamente, ao plantio da cana-de-açúcar, pois forma, ali, várzeas apreciáveis, sujeitas anualmente, às enchentes daquele rio, e que, assim, resulta num processo de fertilização".* (PIAZZA, idem, idem).

 *"Cada colono recebe um lote de terra, a ser pago em dez anos, proporcional em extensão, ao número de pessoas da família. Todos com 2.200 metros de fundos. A frente do lote tem 440 metros, para os solteiros; 550 metros, para os casados sem filhos; 770 metros para o casal com até três filhos e 880, com mais de três"* Segundo PIAZZA (1997), aos colonos *nacionais "foram atribuídas terras já medidas e demarcadas, com 1250 braças de frente por 1000 de fundos”. A importância da fixação de famílias de origem luso-brasileira se justificava, pois “precisavam os concessionários de seu concurso para abertura de caminhos no meio das florestas e dos seus conhecimentos para ensino da plantação de cana, da mandioca, na escolha das madeiras de lei e defesa contra os indígenas".* (da obra de Henrique BOITEUX, *Os Municípios de Tijucas e Porto Belo*, in PIAZZA, op. cit., pág. 36)

 No livro *Colonização Italiana em Santa Catarina*, PIAZZA também cita algumas das famílias pioneiras, baseado-se na obra *Primeira Página da Colonização Italiana em Santa Catarina*, de Lucas Alexandre BOITEUX, sobre a primeira leva de imigrantes de língua italiana de Santa Catarina e do Brasil. Entre os imigrantes estavam os membros da família **Pesco** (BOITEUX e PIAZZA grafam assim o nome) ou **Pesce**; ambas as formas são variantes de um mesmo sobrenome, existindo atualmente na Itália o nome Pesce - mais numeroso - e Pesco. No Brasil, os descendentes em Santa Catarina são as famílias **Peiscer**, **Peixer**, **Peixe**, **Peicher** e **Pecher**, conforme pesquisa de Edson J. Peixer sobre os três irmãos imigrantes Paulino Pesce, Marcolino Pesce e Braulio Pesce. Além destes, desembarcaram no Brasil os membros das famílias **Riolfo, Alerto, Caviglia, Montado**, **Sardo**, **Gambelli**, **Busano**, **Mattia**, **Pislori**, **Benotti**, **Grosso**, **Rilla**, **Zunino**, **Formento**, **Ratto**, **Cognacco**, **Gneco**, **Demoro**, **Nocetti**, **Piron**, entre outros. A relação dos imigrantes componentes desta primeira leva nos é mostrada pelo célebre historiador, almirante Lucas Alexandre BOITEUX, descendente de Luc Montandon Boiteux, que fora o primeiro administrador da Colônia Nova Itália, ascendente também do historiador Walter Fernando PIAZZA, um dos mais importantes historiadores catarinenses, nascido em Nova Trento, autor de *Primeira Página da Colonização Italiana em Santa Catarina*, obra fundamental e a maior referência sobre a epopeia destes pioneiros.

 Várias adversidades afligiram os imigrantes e inibiram o desenvolvimento da Colônia Nova Itália. *"Nenhum dos dois empresários entendia de colonização: um era médico e outro era armador"* (PIAZZA, idem, idem). Além da questão administrativa, outras causas também retardaram o desenvolvimento do empreendimento, conforme BOITEUX: *"Iniciava a Colônia Nova Itália os seus primeiros discretos passos, quando inesperadamente sofreu um cruel assalto dos temíveis bugres. Esse doloroso insucesso, em que perderam a vida vários povoadores, abalou profundamente aquela pobre gente, que passou a viver sob constante alerta e a chorar a perda irreparável de entes caros, estupidamente imolados pela fúria sanguinária dos selvagens. Os sacrificados foram: Luigi Ratto, Giovanni Benotti, Giovanni Rilla, Bernardo Gambelli, mais a mulher e um filho".* (PIAZZA, idem, idem, apud BOITEUX, *Primeira Página da Colonização Italiana em Santa Catarina*, pág. 37).

 Baseado em outro analista complementa: *"Os processos usados pelos empreendedores, para a colonização das terras concedidas, não eram dos mais recomendáveis, e da mesma sorte as relações entre eles e os colonos".* (PIAZZA, idem, idem, apud BOITEUX, idem, idem). *"E foi com esta situação que se defrontou, em 1837, o cidadão"* (suíço) *"Luc Montandon Boiteux, ao se estabelecer ali acompanhado da esposa, de um filho menor, e de quatro escravos, como administrador da Colônia ‘Nova Itália’, por indicação do empresário Dr. Henrique A. Schutel".* (PIAZZA. op. cit., pág. 37).

 Durante o período de sua administração a situação da colônia melhorou em virtude da abertura de caminhos que permitiram a comercialização dos produtos coloniais e consequentemente a recuperação do capital investido pela empresa. Não foi esquecida a construção de uma escola para os filhos de colonos, como também de uma capelae docemitério.

 *"Em 1838 a colônia sofreu, no período de 9 a 11 de março, os efeitos de uma memorável enchente, que fora verdadeira devastação* (...) *E, em 1839, a 19 de janeiro, novamente os bugres, que imolaram 'três homens, cinco mulheres, que deixaram mortos, ficando cruelmente mutiladas três crianças.' E, nesse ano, a colônia contava 30 famílias, com 122 indivíduos e 'estavam em pleno funcionamento dois engenhos de açúcar, dois de serrar madeiras e três de fabricação de farinha de mandioca* (...) *E, em 1842, 'contava a colônia com a população de 133 almas, distribuídas por 29 famílias. Aumentava a área cultivada, crescera a exportação de cereais e de madeiras. O gado desenvolvia-se satisfatoriamente"* (PIAZZA, idem, idem).

 *"A 29 de março falecia, na cidade do Desterro, o administrador da Colônia Nova Itália, Luc Montandon Boiteux, sendo meses depois substituído pelo capitão João de Amorim Pereira, já referido* (...) *A situação da colônia, em 1848, era de '184 indivíduos, sendo 168 sardos e 16 nacionais, e em 1849, 193. Todos os colonos são católicos, e entre eles, há famílias nacionais"* (PIAZZA, idem, idem).

**Pioneiros**

ANDRÉ PESCO: casado, família com 7 pessoas;
ANDRÉ RIOLFO, solteiro;
ANTONIO ALERTO: casado, família com 8 pessoas;
ANTONIO CAVIGLIA: casado, família com 4 pessoas;
ANTONIO MONTADO: casado, família com 3 pessoas;
BARTOLOMEU SARDA: casado, família com 4 pessoas;
BERNARDO GAMBELLI: casado, família com 3 pessoas;
BLAUSORO BUSANO;
DAVI RAMASCY: solteiro
DOMENICO MATTIA;
FILIPPO GIORDINO: casado, família com 5 pessoas;
FILIPPO POLERES: casado, família com 3 pessoas;
GIACOMO PESCO: casado, família com 6 pessoas;
GIACOMO PISLORI: casado, família com 8 pessoas;
GIACOMO RIBAN;
GIOVANNI BENOTTI;
GIOVANNI GROSSO, casado, família com 3 pessoas;
GIOVANNI PESCO, casado, família com 6 pessoas;
GIOVANNI RILLA;
GIOVANNI BUSANO: casado, família com 4 pessoas;
GIUSEPPE BUSANO: casado:
GIUSEPPE VALERINO: casado, família com 7 pessoas;
GIUSEPPE ZUNINO: casado, família com 7 pessoas;
LUIGI RATTO;

MATTIA PASTORIO, casado, com 5 pessoas na família;
MICHELE PESCO: casado, família com 8 pessoas;
SANTO MADONA: viúvo, família com 5 pessoas;
SEBASTIANO PESEO: casado, família com 4 pessoas;
STEFANO FORMENTO: casado, família com 4 pessoas;
STEFANO SUZENO: casado;
VICENTE PERES: casado, família com 6 pessoas.

 O primeiro grupo era formado pelas famílias PESCO, RIOLFO, ALERTO, CAVIGLIA, MONTADO, SARDÁ, GABELLI, BUSANO, RAMASCY, MATTIA, POLERES, PISLORI, RIBAN, BENOTTI, GROSSO, RILLA, SUSANO, VALERINO, ZUNINO, MADONA, PESEO, FOMENTO, SUZENO e PERES.

Posteriormente, outros imigrantes se estabeleceram na Colônia Nova Itália, como os integrantes das famílias SARTORI, ANGELI, CORSANI, TRAINOTTI, PUEL, MAZOTO, MARTINI, TOMAZONI, SGROTT.

Alguns destes sobrenomes foram alterados ao longo das década. Os PESCO tiveram a grafia do sobrenome mudado para PEIXE e PEIXER, SARDA passou a SARDO e a SARDÁ, BUSANO passou a BUZZANO. MATTIA originou MATIAS. Os ZUNINO permaneceram com seu sobrenome inalterado.

**Desenvolvimento da Colônia Pioneira**

 No acervo do Arquivo Público de Santa Catarina, o Padre Flávio Feler localizou uma correspondência enviada por Henrique Schutel ao Presidente da Província de Santa Catarina, o Marechal Francisco José de Sousa Soares de Andrea, primeiro e único barão de Caçapava, (Lisboa, 29 de janeiro de 1781 — São José do Norte, 3 de outubro de 1858), datada de 27 de janeiro de 1840, na qual consta, dentre outras informações:

*“Tive a honra de receber o ofício de 10 do corrente mês pelo qual me ordena lhe remeta um relatório circunstanciado do estado da Colonia de que sou empreendedor junto com Carlos Demaria no Rio das Tijucas Grande, ordenando-o de forma que por ele possa conhecer se ela tem prosperado em população, agricultura e construções ou se acha em estado de retragradação, na conformidade do qual submeto V. Excia a seguinte exposição:*

*O Estado deplorável em que o temporal de março de 1837 pôs o estabelecimento sobredito nos fez suspender de mandar mais colonos da Itália, assim só houve o aumento natural entre eles de 14 nascimentos, sendo oito destes machos.*

*Igualmente por motivo do citado temporal sofreu atraso a plantação de café que se acha estacionária com pouco mais de 30 mil pés, pois que visto a carestia dos mantimentos foi necessária aplicar-se mais à plantação de mandioca, arroz, feijão, milho e legumes que produzem naquelas terras generosamente.*

*Atualmente estão se construindo engenhos para mandioca, para açúcar, arroz em diferentes pontos da Colônia, alguns dos quais estão concluídos e o seriam todos se não foram uma incursão de índios que assassinaram barbaramente oito colonos no ano passado e constrangeram assim aos colonos para maior segurança a abandonarem as casas que tinham construído para aproximarem-se mais e fazerem novas casas formando atualmente duas aldeias. Uma perto do lugar destinado a capela e cemitério já demarcado e outro no lugar denominado “Três Irmãs”.*

*Estimarei ter assim satisfeito a exigência de V. Excia, resta-me pois pedir a intervenção de V. Excia para que a Assembléia Provincial tendo em vista e tomando em consideração os desastres que tem sofrido este novo estabelecimento agrícola, haja de conceder um novo prazo de 04 anos para concluir-se a distribuição das terras que pela lei estão e expirar e aprovar o aldeamento necessário para a mutua proteção dos colonos contra os selvagens.*

*Deos guarde V. Excia. Cidade do Desterro, 24 de janeiro de 1840.*

*HENRIQUE SCHUTEL – Vice Consul de sua Magestade o Rei da Sardenha”.*

 "*E, a 3 de maio de 1846, o Presidente da Província de Santa Catarina, Antero José Ferreira de Brito, considerou devolutas as terras da concessão Demaria & Schutel"* (terras não ocupadas ou abandonadas por colonos) *"e mudou o nome da colônia para 'Dom Afonso"* (PIAZZA, idem, idem).

 Datado de 22 de setembro de 1925, no documento original intitulado *Rio Tijucas Grande e suas Colonias*,apensado a uma ação de contenda possessória envolvendo terras da Colônia Nova Itália,o engenheiro geógrafo José Nicolau Born afirmou: *“(…) Um outro ponto que para Schutel, naquella época não tinha nenhuma importância e que hoje para nos, tem muita, é a questão da direção ou rumos dos lotes. A meu ver foi a seguinte: Schutel, como já disse, obteve primeiro uma concessão de mil braças que vai desde o marco de Scheridan (marco que divide a primeira concessão Schutel das terras compradas por Scheridan á viúva Boiteux) até o marco do Pera (marco que divide a primeira concessão Schutel da segunda de duas léguas em quadro) localisando não sei porque, mas assim estão em n.65º.W. Começou então Schutel a localisar os lotes da segunda concessão, que deveriam ser também n.56º. W, porém assim não fez porque os colonos todos não puderam ir para seus lotes projectados e estavam todos estabelecidos entre a primeira concessão e o Ribeirão da Boa-Vista Pequena. Como se póde apreciar ainda hoje, nesta parte da colônia, os rumos são todos diferentes uns dos outros, penso que foi isto que ocasionou com que Shutel localizasse o resto dos lotes com rumos também diferentes entre sí. Acrescesce ainda que todos os colonos queriam naturalmente ficarem na margem do rio sendo que estes da muitas voltas. Em 1845 surgiu entre Schutel e o então Presidente da Provincia de Santa Catarina, Brigadeiro Antero José Ferreira de Brito, primeiro e único barão de Tramandaí (Porto Alegre, 11 de janeiro de 1787 — Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1856), uma questão por causa das terras da parte sul do Rio Tijucas, que formam hoje Boa-Vista, questão esta que chegou ao ponto do próprio Presidente da Provìncia decretar em 4 de dezembro de 1845, como devolutas todas as terras concedidas a Schutel. Neste estado de cousas mandou Henrique Schutel uma reclamação ao Governo Imperial e teve como solução do próprio Presidente da Província, seu inimigo pessoal, tornar como districto de colônias, para Schutel, as duas léguas em quadro e mais a outra da primeira concessão e que portanto, as terras que ficavam nos fundos desta primeira mil foram acrescidas a este districto de colônia, e, mais as terras que não estavam colonisadas dentro deste quadro”.*

 E o historiador Walter Fernando PIAZZA conclui: *"Da colonização sarda em Santa Catarina, restou um substrato que se prendeu ao solo brasileiro e arrastou os duros embates do isolamento em meio à floresta tropical, sem o devido amparo governamental, nas mínimas exigências da sua inclusão no contexto brasileiro* (...) *Entretanto, tais elementos souberam ser importantes desbravadores do sertão catarinense, com o seu trabalho. O seu arrojo e a sua pertinácia, marcaram o início de um longo e propício trabalho de assimilação cultural* (...) *O seu esforço e a sua persistência vão tornar, muito mais tarde, já em 1860, a sua área de fixação como ponto intermediário na ligação das colônias dispostas ao longo do vale do Maruí (São Pedro de Alcântara e Angelina) com aquelas do Vale do Itajaí (Brusque e Blumenau) e, em 1875, já há uma comunicação constante entre aquela área e o Vale do Itajaí Mirim, de modo que ao ali chegarem colonos de fala italiana não serão considerados como totalmente estranhos ao processo colonizador brasileiro (...) Ainda, infelizmente, não estão todavia, dimensionados os trabalhos destes pioneiros!"* (PIAZZA, *Colonização Italiana em Santa Catarina*, pág. 38).

**Novamente Colônia Nova Itália**

 Na tarde de quinta-feira, dia 23 de novembro de 2017, a Câmara Municipal de São João Batista foi palco da solenidade de sanção da lei nº. 3.792/2017, que restituíu a denominação original da primeira colônia de italianos no Brasil: Colônia Nova Itália.

 O ato foi presidido pelo prefeito Daniel Netto Cândido e contou com a presença do cônsul  italiano Attilio Colitti, da presidente do Legislativo Rúbia Alice Tamanini Duarte, do presidente da Associação dos Descendentes e Amigos do Núcleo Pioneiro da Imigração Italiana no Brasil - ADANPIB, José Sardo, do historiador Paulo Vendelino Kons, do professor de língua italiana Juliano Mazzola, do empresário italiano Pietro Carmelo Blando, secretários municipais, vereadores, integrantes da ADANPIB e comunidade.

 O projeto da lei sancionada foi proposto pelos vereadores Leoncio Paulo Cypriani e Almir Peixer (Déi), sendo aprovado por unanimidade pela Câmara Municipal.

 A aprovação foi antecedida por Audiência Pública na noite de segunda-feira, dia 06 de novembro de 2017, no salão de festas da Igreja São José, em Colônia. Realizada pela Comissão de Constituição e Legislação e Redação da Câmara Municipal, tinha como objetivo consultar a comunidade acerca do projeto de lei número 12/2017, que estabelecia o retorno denominação original Colônia Nova Itália.

 Além da presença de todos os vereadores, participaram da Audiência Pública o prefeito Daniel Cândido, o promotor de justiça Nilton Exterkoetter e inúmeras outras autoridades, além dos principais veículos de comunicação e grande afluxo de moradores e visitantes. Após membros da comunidade externarem dúvidas e realizarem questionamentos sobre as consequências da mudança, a iniciativa recebeu o aval unânime dos participantes.

**Os Boiteux e a Colônia Nova Itália**

 Patriarca da família Boiteux no Brasil, o tenente-coronel Henrique Carlos Boiteux nasceu em 11 de fevereiro de 1838 na Colônia Nova Itália. Era filho do primeiro administrador daquela Colônia, o comerciante suíço-francês Luc (Lucas) Montandon Boiteux (Neuchâtel, Suíça, 1798 – Desterro/SC, 29 de março de 1842) e sua esposa Marie Magdaleine Anastasie.

 Henrique Carlos Boiteux foi o primeiro Superintendente Municipal (Prefeito) de Nova Trento, em 1894 e teve como filhos:

1. o Superintendente Municipal de Nova Trento, nos anos de 1895 a 1899, Hyppolito Eugênio Boiteux (Desterro 1861-Nova Trento 1937);

2. o Almirante Henrique Adolfo Boiteux (Tijucas 1862 – Rio de Janeiro 1945);

3. o Jornalista, Desembargador, Historiador e Advogado José Artur Boiteux (Tijucas 1865 – Florianópolis 1934): patrono do ensino superior em Santa Catarina - fundou a Faculdade de Direito de Santa Catarina em 11 de fevereiro de 1932, juntamente com Henrique Fontes, Othon da Gama Lobo d'Eça, Nereu Ramos, Alfredo von Trompowsky e Fúlvio Aducci; quatro vezes eleito deputado. Também foi o idealizador do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC IHGSC - fundado em 07 de setembro de 1896 como instituição de caráter científico e cultural;

4. Maria Luiza Boiteux Piazza (Tijucas 1868 – Nova Trento 1945): avó do historiador Walter Fernando Piazza);

5. Etelvina Boiteux Linhares;

6. Eulália Boiteux Batista Pereira; e o

7. Almirante Lucas Alexandre Boiteux, (Nova Trento, 1880 – Rio de janeiro 1966): o maior historiador naval brasileiro, desenhou o brasão de armas do estado de Santa Catarina.

**Fontes Históricas**

 As principais fontes fidedignas de pesquisa acerca da Colônia Nova Itália são apresentadas por integrantes do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina - IHGSC, fundado em 07 de setembro de 1896 como instituição de caráter científico e cultural por José Artur Boiteux, cujo pai, Henrique Carlos Boiteux, nasceu na Colônia Nova Itália em 11 de fevereiro de 1838.

Como obras principais:

***Primeira Página da Colonização Italiana em Santa Catarina***, de almirante Lucas Alexandre BOITEUX (obra fundamental e a maior referência sobre a epopeia dos pioneiros da Colônia Nova Itália)

***Colonização Italiana em Santa Catarina***,deWalter Fernando PIAZZA

***Os Municípios de Tijucas e Porto Belo***, de Henrique BOITEUX.

**ADANPIB**

 Na organização da visita do bisneto da Princesa Isabel à Colônia Nova Itália, o Príncipe Imperial do Brasil **Dom Bertrand de Orleans e Bragança**, marcando a festividade realizada em 14 de novembro de 2016 em comemoração aos 180 anos da imigração italiana no Brasil, foram lançadas as sementes, nas terras férteis do Vale do Rio “Tijucas-grande”, da **Associação dos Descendentes e Amigos do Núcleo Pioneiro da Imigração Italiana no Brasil - ADANPIB**, organização que hoje possui o Príncipe Dom Bertrand como seu patrono.

 Fundada na assembleia realizada em 11 de março de 2017, no salão de festas da Comunidade São José, em Colônia, com a participação das principais autoridades de São João Batista, do bispo Dom Vitus Schlickmann, do corregedor-geral do Ministério Público, Gilberto Callado de Oliveira, e do Príncipe Dom Bertrand, a ADANPIB tem por objetivo geral o *“resgate e a preservação da história, da cultura e da fé trazida pelos imigrantes italianos pioneiros no Brasil, que fundaram a Colônia Nova Itália, o pioneiro núcleo de italianos em terras brasileiras, no mês de março do ano da graça do Senhor de 1836, e a maior integração entre descendentes e amigos da comunidade”*.

 Dentre outros, a ADANPIB possui como objetivos específicos:

I – planejar, executar, promover, fomentar, apoiar e avaliar atividades de:

a) cânticos, danças tradicionais e aulas de italiano, confraternizações e semanas culturais;

b) estudo e pesquisa, inovação e desenvolvimento científico e publicações voltados à língua italiana, estudos de genealogia, acervo de imagens e documentos, filmagens com descendentes de imigrantes;

II – estabelecer parcerias para promoção e fomento da celebração de intercâmbio cultural, religioso, econômico e educacional entre São João Batista e a terra natal dos imigrantes pioneiros, no âmbito do programa cidades irmãs;

III – planejar e realizar anualmente, em articulação com o Poder Público e a Comunidade, festividade alusiva a fundação da Colônia Nova Itália, perenizando a memória dos fundadores e descendentes;

IV – prestar assessoria direta e indireta às instituições governamentais e não-governamentais comprometidas com o estudo e a difusão da história do núcleo pioneiro

dos imigrantes italianos no Brasil, a ser incorporado, ao menos, ao currículo das escolas batistenses e do vale do rio Tijucas;

V – promover proteção judicial contra ofensa ao patrimônio histórico e cultural;

VI - instituir e administrar o Centro de Memória, com a implantação, dentre outros, de um museu e arquivo histórico;

VII – gestionar junto às sociedades civil e política, nacionais e internacionais, para obtenção de incentivos financeiros e fiscais, além da captação de receitas.

 Desde sua fundação, são ministradas semanalmente aulas de língua italiana pelo professor Juliano Mazzola junto à sede da Colônia Nova Itália.

 Ao lado de múltiplas atividades, a ADANPIB encontra-se mobilizada para promover, em articulação com o Poder Público, a justa e condigna celebração do bicentenário da imigração italiana no Brasil, no ano da graça do Senhor de 2036.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

\*Historiador **Paulo Vendelino Kons** – 47 **9 9997 9581** - **bicentenariodaindependencia@gmail.com**,que residiu na **Colônia Nova Itália** (então Colônia), São João Batista/SC, em 1976, tendo sua família adquirido as propriedades de Henrique Massaneiro e Joana Pêra.